

PUBLICAÇÃO QUINZENAL,
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

ANO IV

LISBOA, MAIO DE 1920

N.º 93 E 94

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO

ANO 1\$40 ESTRANGEIRO
SEMESTRE . . . 570 ANO 3\$00
NÚMERO AVULSO 6 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegouaria) — TEL. 2337 C. — LISBOA

REGIONALISMO E TURISMO

OS NUCLEOS REGIONAES

QUEM tenha seguido atentamente a leitura da *Revista de Turismo* nos seus quasi quatro anos de publicidade, terá certamente constatado a nossa insistencia na sugestão da autonomia de cada região em materia de turismo, embora condicionada á direção superior d'uma entidade que, de ha muito, devia fazer a sentir, mas que, pela natural irrisão que reina na sorte ou sobre os destinos d'este Paiz, tem uma existencia méramente platónica.

Em os nossos numeros referidos a Novembro e Dezembro de 1917, publicámos o esboço d'um interessante e criterioso estudo do nosso muito distincto colaborador Mario de Montalvão, em que, a proposito dos *Nucleos Regionaes*, esse articulista dizia o seguinte:

«É da sua ação que Portugal deve esperar o desenvolvimento da industria do turismo.

«Os nucleos regionaes — chamemo-lhes assim — deverão ser creados em todas as localidades que, por um qualquer motivo, possam considerar-se um ponto de turismo. Eles constituirão os alicerces da gigantesca obra do turismo em Portugal, e sem a sua immediata instituição todos os esforços resultarão improficuos.

«É tal o valor que representam esses organismos, que eles são hoje o mais forte esteio do turismo em França; e por isso mesmo, a sua ação está sendo criteriosa e cuidadosamente beneficiada n'esse Paiz, onde a industria das viagens é classificada em primeiro logar.

«Na nossa terra, se bem que a defeza racional dos proprios interesses não tenha ainda conseguido suplantar as vicissitudes da politica, não haverá decerto, reluctancia na constituição d'esses valiosos agrupamentos, desde que a sua organização pratica seja a resultante d'um aturado estudo das necessidades locais para cada ponto turistico e a sua ação se submeta a um programa superiormente elaborado e fiscalizada, por uma forma directa, pela entidade official competente.

«Existem já, em algumas localidades, delegações da Sociedade Propaganda, e esta benemerita associação conta — segundo crêmos — alargar por essa forma a sua esphera d'ação. Desconhecemos, porém, qual o programa a que elas obedecem e, portanto, quaes as funções que desempenham ou podem vir a desempenhar. Supômos, todavia que, tratando-se de agrupamentos particulares, não poderemos esperar d'elles a quota-parte que se deve exigir dos nucleos regionaes na organização e exploração do turismo regional.»

«E' pois sobre este — para nós — importante thema que vamos hoje desenvolver as nossas ideias.

«Classificamos de *nucleos regionaes*, o que os francezes chamam *Comités d'Aménagements locaux*, isto é — uma sub-divisão dos syndicatos d'iniciativa existentes em França, a que entre nós poderemos dar o titulo — bem apropriado — de sociedades de propaganda; e a sua ação lá — como poderá ser aqui adoptada — é consagrada simplesmente á defeza dos in-

teresses locais, pela conservação do existente e que represente um simbolo; pelo desenvolvimento do que seja susceptivel de valorisar a localidade propria, não só nos rendimentos do seu comercio e da sua industria, mas, tambem, na exposição das suas belezas naturais e artisticas; procurando com a sua legitima expansão atrahir a si a maior massa de forasteiros, pelo resultado dos seus proprios esforços e pela sua conjugação com os do syndicato d'iniciativa ou sociedades de propaganda a que devam directa descendencia, em circunstancias especiaes.

«Ora, a instituição em Portugal d'estes nucleos, não deve ser coisa difficil.

«E' certo que nem todas as localidades na nossa terra podem constituir pontos de turismo. Essa classificação só poderá ser dada ás que possuam elementos suficientes para disfructarem dos beneficios que d'ahi resultam. Para isso, porém, é absolutamente indispensavel que se faça um rigoroso estudo sobre as condições e vantagens que oferecem os sitios naturalmente indicados como pontos de turismo, e que, sobre os seus resultados, se estabeleça uma carta turistica, a fim de orientar quem tiver a missão de dirigir superiormente a vida de turismo, ou a industria das viagens no nosso Paiz. Só depois de feito esse estudo é que se poderá dar sêr, em cada localidade que receba a classificação de ponto turistico, ao respectivo nucleo regional.

«Este deverá ser auxiliado não só pelas entidades a quem directamente interesse a sua ação, nias tambem coadjuvado e protegido pelas instancias ás quaes esteja subordinado, embora se deva gerir por uma forma relativamente autonoma.

«Essas instancias são, superiormente: a Repartição Official de Turismo, por intermedio das **Sociedades de pro-**

paganda, e estes agrupamentos, cuja influencia no desenvolvimento da industria do turismo deve ser considerada de grande valor.»

Por hoje limitamo-nos a esta trans-

cripção que tem um duplo fim: avivar a memoria dos esquecidos e reivindicar para a nossa Revista a prioridade do Regionalismo.



O MONT' ALTO

UMA PATRIOTICA INICIATIVA

A nossa continua ação no sentido de despertar as energias provincianas para libertarem-se, pela vontade propria—na mais justa defeza dos seus interesses regionaes, do dominio dos caciques politicos e a trabalharem,

mais pitorescos cantos de Portugal:—**O Mont'Alto.**

Sobre o que é e o que vale esse adoravel rincão da Terra Portugueza, diz a circular que foi distribuida pela referida Junta da Freguezia de Arganil,



ARGANIL—Vista do Mont'Alto (lado poente)

n'um supremo esforço patriotico para o engrandecimento da sua região, pelo progresso das suas riquezas, pela conservação e racional exploração das suas belezas naturaes e artisticas, acaba de encontrar, por parte da Junta da Freguezia de Arganil a mais completa confirmação e o mais decidido apoio.

Trata-se da valorisação d'um dos

nil e a noticia descriptiva que a acompanha, cuja transcripção damos a seguir.

Ex.^{mo} Sr.

«O Mont'Alto, d'onde se disfruta um dos mais lindos panoramas que a natureza pode oferecer, está destinado a ser um centro importante

de turismo, desde que ali se façam os melhoramentos indispensaveis.

Como se sabe, a epoca actual não exige apenas que um local seja pitoresco e bonito; requere que n'ele se ofereçam comodidades e confortos, e se proporcione um relativo bem estar.

A Junta de Freguezia de Arganil, reconhecendo que o referido Mont'Alto é como que um campo por rotear, ou uma fonte de riqueza a explorar, resolveu abrir uma subscrição entre os amigos d'esta vila, para custeio das despesas que é preciso fazer com o seu aformoseamento e com os seus melhoramentos mais urgentes.

«Esta Junta promoveu já o rompimento da estrada que dá acesso ao Mont'Alto, proseguindo os trabalhos com toda a actividade. Apenso a esta circular, vae um artigo do engenheiro que fez o estudo da mesma estrada, por onde V. Ex.^a verá o brilhante futuro reservado ao Mont'Alto, desde que a boa vontade de todos nos dispense o seu valioso auxillio.

«Vem, pois, esta Junta, confiante no patriotismo de V. Ex.^a e no seu interesse por todas as empezas que se relacionam com o bem comum, pedir-lhe que se inscreva na lista dos subscriptores, o que servirá tambem de estimulo para a não desanimar na jornada escabrosa que resolveu emprender, sem outro alvo que não seja o de bem servir o povo que a elegeu.

«Esperando que V. Ex.^a terá na devida consideração este pedido e que o acolherá com a sua costumada galhardia, aqui lhe testemunha os seus melhores agradecimentos. De V. Ex.^a, c.^{dos} m.^{to} obg.^{dos}, a Junta de Freguezia de Arganil, Francisco Torres Dias Galvão, Antonio Matias Carvalho, Samuel de Carvalho, P.^e Manuel Alves Ribeiro, Antonio Lopes Pereira Covas.»

«Tinha prometido aos meus amigos dizer-lhes as impressões que senti quando fiz o reconhecimento da estrada que deve ligar a ponte do ribeiro de Santo Antonio com o alto da Senhora do Mont'Alto.

«Não cumpri logo a minha promessa, porque quiz primeiro completar os estudos de campo, para assim ter motivos e certeza que justificassem as minhas impressões. Hoje posso dizer-lhes que a estrada estudada tem a extensão de 3:694^m,94, entre a ponte do ribeiro de Santo Antonio e o alto da Senhora do Mont'Alto, e que a diferença de nivel entre os dois pon-



ARGANIL - Prte do Mourão sobre o ribeiro de Folques

tos é de 245^m,54. A directriz estudada numa extensão de 2:163^m,71, e com o desnível de 161^m,13, vae, por assim dizer, em reversões, ou melhor dizendo, em lacetes, até á antiga fonte do Senhor da Ladeira (perfil 179), seguindo d'ahi para cima, na extensão de 1:531^m,23, e com o desnível de 84^m,41, em giratriz ou espiral, até chegar ao adro da capela da Senhora do Mont'Alto, onde termina.

«Não quero engrandecer a directriz que estudei, mas o que posso dizer-lhes, meus amigos, é que essa directriz, vista do lado de Arganil, deve produzir um aspecto encantador, principalmente na parte a que dou o nome de reversões ou lacetes. A outra parte, aquela que circunda o monte, não é menos encantadora porque, girando a directriz duas vezes á sua volta, quer dizer, em volta do monte, descobre horizontes de aspectos variadissimos e n'uma extensão extraordinaria.

Voltando, porém, a referir-me á parte da directriz, a que vae em reversões ou lacetes, repetirei que ela não será só encantadora, olhada de Arganil, mas muitissimo pitoresca, porque certamente essas reversões ou lacetes serão servidos por estreitos, ligeiros e caprichosos caminhos que, sendo orlados de arvoredo e relvado, e com jórros e jogos de agua, darão ao local uma vista muito interessante, além de me parecer que esta encosta, n'um futuro mais ou menos proximo, poderá vir a ser electricamente industrial. E isto será certo se porventura e com intelligencia, forem aproveitadas as aguas que já existem no alto da Senhora do Mont'Alto, que tambem poderão servir um Chalet-Pen-

sion, que a meu vêr se deve construir junto da estrada do lado do norte, assim como tambem se deverá construir um Sanatorio, embora de dimensões modestas, do lado do sul, por ser esta sempre a orientação escolhida para taes casas de saude.

«Emfim, toda a estrada é linda. Mas o que é verdadeiramente arrebatador, esplendido e extraordinario é o panorama que d'ela se disfructa, principalmente da esplanada do Mont'Alto, que fica, como já disse, superior 245^m,54 á vila de Arganil.

«Tenho a absoluta certeza de que tão lindo local, depois da estrada construida, deve ser muitissimo concorrido por bairristas, forasteiros e

turistas, pois da bela esplanada se avista, pelo lado poente, toda a vila de Arganil, Samadela, Sarzedo, Tebaida e muitas outras povoações que, com as suas casinhas caiadas, parecem lencinhos brancos, estendidos nas agruras dos montes!... Pelo lado nascente tambem se avistam as povoações de Folques, Mosteiro, Valbona, Alqueve e outros pequenos povos, deparando-se, pelo norte, com as serras do Caramulo e da Moita, chegando até a nossa vista a abranger Mortagua e Oliveira do Hospital! Do lado do sul, que é a parte em que o horizonte é menos vasto ainda se avistam as povoações da Lomba da Nogueira, Casal de S. José, estrada districtal n.º 106 e ainda alguns pequenos casaes.

«Emfim, é um local verdadeiramente privilegiado, com pontos de vista deslumbrantes, que muitos dos habitantes de Arganil mal conhecem, não sabendo até o que ali tem; e tudo isto por falta de bons meios de comunicação.

«Mas creio que não virá longe o dia em que o esplendido local será extraordinariamente concorrido, desde que a estrada projectada seja um facto.

«E para que tal facto se torne verdadeiro, basta que os habitantes da freguezia de Arganil, n'um abraço bairrista, auxiliem a construcção da estrada projectada, afim de que á sua terra se dê o nome a que tem direito, como sendo uma das mais belas vilas da Beira. E o auxilio de que falo será, ou seria, relativamente leve se cada um dos fogos da freguezia de Arganil, que calculo em 800, concurrese com 4\$00 para aquela construcção, porque assim a estrada ficaria concluida



ARGANIL - Um trecho do Mont'Alto

de terraplanagens dentro de um ano, e os interesses de Arganil subiriam extraordinariamente.

«E creiam, meus amigos, que este auxílio nada se parece com o auxílio, o esforço, a audácia—e porque não hei-de dizer?—o atrevimento de quem teve a ousadia, a coragem, a lucidíssima inspiração de levar as águas das faldas de uma serra até á esplanada da Senhora do Mont'Alto, que fica a algumas de-

nas de atmosferas acima de Arganil.

«E quando a estrada estiver concluída, e quem fôr bom bairrista e bom portuguez, ao encontrar-se naquella linda esplanada e abraçando com a vista o grandioso panorama, deve dizer bem alto, para que as ondas sonoras o repitam:

«Viva a nossa linda vila de Arganil!»

Monteiro de Figueiredo.

OS GRANDES HOTEIS EM PORTUGAL

O GRANDE HOTEL DE FARO

A indústria hoteleira em Portugal começou a sofrer uma manifesta transformação desde que os portuguezes se convenceram de que a unica forma de a levantarem do descredito a que tinha chegado era assenhorearem-se da sua propriedade e direcção.

Embora tardiamente, reconheceu-se que era indispensavel, em absoluto, para a solução d'esse magno problema, nacionalisat essa industria, dando-lhe os foros de grandeza que ela de ha muito devia ter, mas que nunca podia usufruir sob o dominio dos galegos, antigos creados de café, arvorados em pseudos hoteleiros, que apenas tinham em mira a economia d'algumas dezenas de contos para arrimo da velhice no remanso de qualquer canto da provincia galega.

Ora, a industria hoteleira era, até ha pouco, em Portugal, por um falso principio, uma mina inexplorada. Isso explica-se com o facto de quasi todos os antigos proprietarios de hoteis desconhecerem por completo a sua exploração, o seu valor e a sua acção na vida economica do paiz; o que — de resto — não é para admirar, dado o grau inferior da intellectualidade d'esses industriaes.

Hoje, felizmente, ninguem em Portugal, se julga reduzido a uma situação inferior pelo facto de ser hoteleiro. E' que, presentemente, esse termo tem um significado diferente; representa tanto maior elogio para o proprietario ou gerente d'um hotel, quanto melhor e mais aperfeiçoada fôr a sua exploração.

E quem se tenha dedicado ao estudo do desenvolvimento da industria

dos hoteis, verifica logo, em primeiro lugar, que essa industria só pode, hoje em dia, ser dirigida e explorada por quem tenha conhecimentos especiaes da vida das sociedades, das exigen-



GRANDE HOTEL—Vestibulo

cias que as continuas evoluções criam, e por quem tenha a capacidade sufficiente para assumir as responsabilidades da direcção d'um tão complexo como interessante ramo industrial.

A industria hoteleira é rendosa; porém, para isso é preciso sabel-a explorar.

E' isso que se está, felizmente, evidenciando em Portugal, como passaremos a demonstrar com a descripção d'alguns hoteis que estão já nacionalisados.

Como temos que iniciar a nossa descripção por um d'eles, daremos a primazia ao primeiro grande hotel que se encontra no sul do Paiz, para naturalmente terminarmos no que fique mais septentrional.

Assim começaremos por nos referirmos ao Grande Hotel de Faro.

Faro, capital da encantadora provincia algarvia, séde de districto, cabeça de comarca e antigo bispado, é uma cidade muito interessante pela sua exposição, pois é situada n'um dos pontos mais austraes de Portugal. A sua vida intensa manifesta-se mais na industria do que no commercio; desenvolvendo-se, porem, esses dois ramos de vitalidade por forma animadora para o futuro d'essa laboriosa cidade, a que o seu bem situado porto de mar dá uma importancia de capital relevo.

Tem bonitos passeios pelos arrabaldes e facéis meios de comunicação com as localidades vizinhas, umas bem interessantes pelas paysagens que oferecem, outras por constituirem importantes centros fabris, taes como Tavira, Olhão e Portimão, e, ainda, com diversas praias do litoral algarvio, não muito distantes da capital d'essa provincia.

Por todos esses motivos, a cidade de Faro era bem merecedora de ter um hotel digno d'esse nome e essa missão acha-se cabalmente desempenhada pelo *Grande Hotel de Faro*, que se pode considerar dos primeiros entre os melhores das provincias portuguezas.

No intuito de apreciarmos, de visu, a vida dos hoteis das nossas provincias, fizemos uma propositada visita a esse esplendido estabelecimento, cujas boas impressões registamos com muito agrado. Isso deve-se, porem, a que a sua exploração está nacionalisada, pertencendo a uma sociedade de que faz parte o sr. Anibal Alexandre, que intellegentemente e com muito acerto dirige os negocios d'esse hotel, que é hoje o primeiro do

Algarve.

A ideia de contribuirmos com um poderoso subsidio para estimulo dos hoteleiros provincianos, leva-nos a fazer uma descripção minuciosa d'esse estabelecimento que é, a todos os titulos, digno de especial registo.

Assim o exemplo fosse seguido.

Começamos, pois, a nossa referência por dizer que a situação do Grande Hotel de Faro é magnífica. A pouca distancia da estação do caminho de ferro e n'um ponto central da cidade, esse bom hotel acha-se instala-

Alem d'isso, devemos registar com justiça, que o movimento d'essa importante arteria, apesar de intenso durante as refeições, não se faz sentir n'essa sala; o que é um caso de especial menção.



GRANDE HOTEL - Sala de visitas

do n'um vasto edificio, que se ergue altaneiro na principal rua.

Esse edificio, que se diria ter sido construido expressamente para o fim a que está adequado, compõe-se de rez-do-chão e de dois pavimentos superiores, formando uma fachada de aspecto sobrio, mas magestoso, com uma larga varanda no primeiro andar, e amplas janelas no segundo pavimento. Póde comportar cerca de 80 hospedes. Dá-lhe acesso um vestibulo, largo, sobre que foi lançada uma artistica escada, que serve os dois andares superiores.

A' esquerda d'esse vestibulo encontra-se a sala de visitas, que representamos em gravura. E' simples, mas de agradável aspecto.

A' direita fica uma ampla sala de espera, que dá passagem para a sala de leitura e para o refeitório.

Ambas as salas acham-se mobiladas com simplicidade, oferecendo, todavia, um atrahente aspecto, principalmente a sala de leitura, onde ha comodidade, o que não é facil encontrar n'um hotel de provincia.

O refeitório é bom. Ocupa um grande salão, bem iluminado e mobilado sobriamente, mas com elegancia.

Uma das gravuras que acompanha esta descripção, estampa essa sala, por onde se pode verificar o bom conforto que oferece. Ela é servida por uma enorme cosinha, bem arejada, onde a ordem e o asseio encantam.

Temos, assim, que estas principaes instalações se acham independentes dos alojamentos dos hospedes, para que foram destinados os dois andares superiores, sobrepostos em forte arcaria de antiga construcção, o que proporciona, alem d'uma solidez confiante, uma muito apreciavel cubagem a todo o edificio, fazendo com que todos os quartos tenham um pouco vulgar pé-direito, em estabelecimentos d'esta ordem.

No primeiro andar e servidos por um longo, bem iluminado e arejado corredor, estão os quartos principaes, oferecendo um bom aspecto e comoda instalação. Todos elles são independentes, recebendo ar e luz directamente por grandes janelas. A sua guarnição é sobria e elegante.

No segundo pavimento, onde se gosam panoramas seductores, encontram-se os quartos secundarios, a que dá acesso um corredor direito, largo, bem arejado e iluminado. Estes quartos são tambem guarnecidos com simplicidade, mas apresentam comodidade.

Tanto no primeiro como no segundo andares os corredores são forrados de longa passadeira e servem boas casas de banho com encanamento de aguas quente e fria e retretes independentes com W. C., a que grandes janelas dão a necessaria ventilação.

No que respeita a hygiene, este grande hotel nada deixa a desejar, e o seu conforto é muito apreciavel, tanto mais que o clima de Faro não oferece bruscas oscilações; sendo até recomendado pela sua equilibrada temperatura.

Descripta assim, por uma forma geral esse belo estabelecimento, não podemos deixar de fazer uma especial referencia aos seus serviços internos, que nos pareceram aprimorados. De facto, o socego no hotel é absoluto. O aceio e a ordem apresentaram-se nos irreprehensíveis. O serviço de cosinha é magnifico, permitindo apreciar-se um rigoroso escrupulo na confecção das ementas das refeições. O serviço das mezas é por egual feito com esmero, por pessoal suficientemente idoneo.

Notámos ainda, com verdadeiro agra-



GRANDE HOTEL - Sala de jantar

do, a delicadeza e solicitude de todo o pessoal d'este bom hotel, que se nos apresentou sempre com uma atrahente correcção.

Eis n'um largo resumo a impressão que nos deixou a visita ao Grande Hotel de Faro. Ela é, porém, motivada pela criteriosa direcção do seu ge-

mentos congeneres da provincia. Justo é, pois, que aqui lhe consagremos um merecido louvor, que servirá, por certo, de incitamento á continuação dos esforços a que não se tem poupado e que se devem accentuar constantemente para a manutenção das vantagens e benefícios que oferece esse bom ho-



GRANDE HOTEL.—Sala de fumo e concertos

rente, sr. Anibal Alexandre, que, embora tivesse durante bastante tempo dedicado a sua actividade a outro ramo, tem mostrado conhecer em todos os seus detalhes e subtilidades a exploração da industria hoteleira, por forma a colocar o Grande Hotel de Faro ao nivel dos mais modelares estabeleci-

tel, que faz honra á industria hoteleira portugueza.

Assim, não hesitamos em o aconselhar a todos que se dirijam ao Algarve; pois em Faro pode bem fazer-se uma base de actividade.

JOSÉ LISBOA

NOTÍCIAS DIVERSAS

Novos caminhos de ferro

PELOS Srs. Victor Dauphiné e Charles Philebert, foi requerida ao Ministerio do Comercio a licença necessaria para a construção d'um caminho de ferro de tração a vapor ligando a Vila de Cezimbra com Cacilhas e Setubal.

—Tambem ao mesmo Ministerio foi pedida, pelo sr. dr. João d'Almeida, a auctorisação necessaria para a construção d'um caminho de ferro electrico, assente sobre o leito das estradas, partindo de Cantanhede e terminando em Aveiro, servindo Mira, Vagos, Ilhavo, etc.

Segundo o traçado d'esta linha, a sua exploração deve ser muito rendosa, pois que atravessa uma região

completamente desprovida de faceis meios d'acesso. Por essa nova via de comunicação todas as povoações que ela serve ficam em rapido contacto com as demais linhas do Paiz.

Novas estradas.—Estrada de Pinhel

Está completamente concluida a estrada da estação de Pinhel ás Freixedas de Alverca, passando por Alverca da Beira.

Esta nova estrada vem estabelecer uma nova arteria da cidade de Pinhel com a viação acelerada, pois vae ligar em Freixedas, á estrada nacional da Guarda a Pinhel, servindo assim entre outras terras, Gouveias, Carvalhal, etc.

Tambem a estrada da estação da

Freineda á Malhada Sorda e ás Naves, onde vae ligar á estrada de Vilar Formoso a Almeida, está quasi concluida, faltando apenas empedrar alguns kilometros.

Outra estrada e de grande importancia, vae ser construida, estando os trabalhos de gabinete já muito adiantados. Essa é a da estação de Vila Fernando a Adão, pequeno ramal de quatro kilometros, onde entronca na estrada da Guarda a Sabugal e que porá esta ultima vila, e as freguezias de Pega e Vale Mourisco, em rapida comunicação com a linha da Beira Alta, o que lhes dará uma grande importancia e proporcionará enorme desenvolvimento.

Até agora o acesso a essas povoações era somente feito pela estação do Sabugal, na linha da Beira Baixa.

Estrada de Loriga

ESTÁ enfim concluida a estrada de Valezim a Loriga, na falda oeste da Serra da Estrela, e a que faltava a ponte junto a Valezim. Ficou a importante povoação serrana ligada, por meio d'uma magnifica estrada, a S. Romão e Ceia, e á estação do caminho de ferro de Nelas, d'onde dista 39 kilometros.

Para a conclusão d'esta estrada deu-se um facto que merece especial registo. Foi o caso que estando o seu acabamento dependente da construção d'uma ponte para que não chegava a exigua verba consignada no orçamento, os mais ricos habitantes de Loriga quotisaram-se para darem ao arrematante d'essa construção a importancia que o governo oferecia mas que nunca destinava a esse fim.

Vencido assim esse enorme compasso de espera, a estrada deve em breve seguir até Unhaes da Serra, onde ligará com a que d'ali segue para a Covilhã e Fundão, estabelecendo-se d'esta forma uma grande cintura de macadam em torno da nossa primeira serra, ou seja Gouveia, Ceia, Valezim, Loriga, Unhaes da Serra, Covilhã, Guarda, Celorico da Beira e Gouveia, que constituem a região mais fabril do nosso Paiz.

Todo aquele que se interessar pela manutenção da «REVISTA DE TURISMO», deve dar-lhe o seu concurso, angariando-lhe assinantes e fazendo-lhe comunicações que interessem ao seu fim especial.

ARTE E LITERATURA

AO CAHIR DO SOL



*N'um galeão de nuvens, para a Aurora
Embarca, ao largo, o Sol. E, de longada,
Para assistir ao grande bóta-fóra,
Vem, pela Terra, a sombra amargurada.*

*Desce, entre os castanhaes, pela assomada,
Campainha a tocar, o Senhor fóra.
Passam pombas no ar, em revoada;
Ouvem-se, ao longe, os gritos d'uma nora.*

*E o Senhor vem passando: e com ele vae,
A cantar o Bemdito, de mansinho,
A gente que acompanha Nosso Pae.*

*E as ceifeiras dêixaram de ceifar:
Ajoelham á beira do caminho,
E ficam, de mãos postas, a rezar.*

Do 'AUTO DO FIM DO DIA)

TARDE DE JUNHO



*Corta um velho caminho pelo melo
A encosta, um pouco alem do povoado:
Ficam, em baixo, campos de centeio;
Em cima, fica um soito assombreado.*

*Ao fundo, passa o rio: quási um veio
De agua perdido no areal crestado.
E aos pés d'um pinheiral tristonho e feio
Vê-se um moinho muito arruinado.*

*Já esmorece o dia. Nas fructeiras
Galhardêtes em flôr. Ao pé do açude,
Roupa a alvejar... No campo andam ceifeiras*

*E entre os desmaios loiros das espigas
Ha imprevistos gritos de saudade
No garrido trajar das rapariaas.*

ANTONIO CORREIA D'OLIVEIRA



CARTA DA AMERICA

A Gruta de Mammouth

O viajante que, extenuado de fadiga, penetrar nas Grutas de Mammouth, no Estado de Kentucky, não poderá queixar-se da falta do imprevisto. Esta gruta é comprida, funda, com numerosas ramificações e passagens que, bruscamente, se estreitam a tal ponto que um ser humano não as pode atravessar, desembocando em rios subterraneos em que, nem mesmo quem não tivesse amor algum á existencia, se atreveria a navegar; ou conduzindo, subitamente, o explorador perante abysmos que parecem insondaveis.

Os sitios conhecidos e de que se tem

traçado mapas, não têm a menor semelhança com dois pontos diferentes. E' uma variedade constante e kaleidoscópica de scenas sensacionaes.

Aqui, é a abobada d'uma caverna imensa, ornamentada de estalactites e de estalagmites, que nos fazem acreditar n'um encantamento, evocando ao espirito inquieto os scenarios d'um conto de Hoffmann.

Ali, correntes ligeiras e cataratas vertiginosas, charcos estagnados povoados de peixes cegos e de crustaceos, que fazem lembrar os tempos da criação. Mais longe, cabanas ou restos humanos mumificados, contemporaneos das epochas prehistoricas, em que os

nossos antepassados procuravam abrigo nas escavações naturaes do solo. Eis, em uma palavra, de que se compõem as abobadas subteraneas do Mammouth, mais do que seria preciso para vos recordar os calafrios de terror que, na vossa juventude, vos colavam n'uma cadeira junto do lar a lêr uma historia palpitante de Edgar Allan Poe.

Se se procurar na Europa um logar que se possa comparar com estas abobadas, encontra-se o planalto de Carso, que manteve perto de dois anos, no Trentino, os exercitos italianos maglados nos seus esforços para chegarem a Trieste. E' o que oferece maior analogia com as grutas de Mammouth. Talvez ainda, se possam tambem citar as grutas de Han, na Belgica. De facto existe entre as grutas de Mammouth e o planalto de Carso, um grande numero de pontos de semelhança: tem as mesmas grutas esculpidas e prodigiosas e os mesmos regatos precoces. A principal diferença consiste em quasi todos os logares do Carso estarem ao ar livre, á superficie, enquanto que as grutas de Mammouth teem apenas uma entrada importante e apresentam, muitas vezes, subterraneos que atingem muitos kilometros de extensão. Estas

grutas, são situadas no estado de Kentucky e muito próximo do rio Verde (Green River).

A existência de esqueletos, archotes meio queimados, utensílios grosseiros e restos humanos mumificados provavelmente em consequência da sua sepultura em terreno nitroso, indica que ali estabeleceu domílio uma tribo de aborígenes.

Grande numero de exploradores tem, desde então, penetrado, cada vez mais profundamente, n'esses subterrâneos, traçando mapas das galerias, das grutas e dos regatos que ali se encontram — trabalhos ainda mais difíceis de executar em vista da recusa formal dos proprietários a todos os pedidos de auctorisação para se organizar um serviço científico destinado a levantar plantas exactas da topographia dos logares, collocando aqui e ali, placas com os nomes porque baptisaram os diferentes sitios e destinadas a servirem de guia aos futuros exploradores e aos visitantes. Alguns d'esses nomes, por grandiosos que queiram ser, não são por isso menos vulgares: o Grande Arco, a Caverna dos Bandidos, a Grande Encruzilhada; outros mais sugestivos ferem a imaginação: a Sarabanda Infernal, o Covil do Diabo, que faz lembrar a famosa exploração do Polo Norte o «Caminho Redescoberto», o «Mar Morto» a «Porta do Dante», a «Emboscada do Escocês» e a «Desgraça dos Grandes Senhores».



Muitos anos passaram depois que um caçador conduzia, a pangaio, a sua piroga no rio Verde, á procura de caça; numerosos vapores e caminhos de ferro, conduzem, hoje, uma multidão de visitantes quasi á entrada dos subterrâneos, ficando-se, logo aos primeiros passos, surpreendido pelas grandes transformações efectuadas n'elles durante o espaço de tempo que separa os turistas da epocha de Hutchins. Os primeiros que deixaram o seu rasto, foram os mineiros, atraídos pelos indícios de um terreno mole tão rico em nitrato. Isto passou-se durante a guerra de 1812; e os tubos empregados pelos mineiros, estão ainda hoje no estado em que foram deixados por esses operários, ha mais d'um seculo. Os caminhos traçados pelos carros puxados por bois e os altos montões de pedras de cada lado do subterrâneo principal, n'uma extensão de mais de um kilometro, indicam claramente a importancia dos trabalhos que foram necessários para a extração do nitrato tão procurado. A seguir, encontram-se as rudes cabanas de pedras, marcando o sitio onde se estabeleceu uma

colonia de tuberculosos, cuja existência foi curta, visto a qualidade do ar — d'uma grande pureza chimica e optica — não ser sufficiente para compensar a falta de sol. Signaes cabalísticos gravados nas paredes fazem pensar nos operários ousados que foram os primeiros a tentar a solução de problemas em caminhos cheios de inúmeras ramificações misteriosas e procuraram sondar a profundeza d'esses logares reconditos e solitarios. Emfim, a montagem de pontes por cima das torrentes e de escadas conduzindo ás rochas escarpadas e de parapeitos nos logares de passagens perigosas, são motivos que impressionam os visitantes que, em numero sempre crescente, invadem as grutas.

E', comtudo, a obra da natureza que constitue a principal atracção d'estas grutas. São as variantes chímicas phantásticas das substancias que, nas entranhas da terra, se misturam e combinam, apresentando soluções extravagantes e fusões singulares. Os chimicos, geologos, botanicos, e mesmo os simples burguezes, encontrarão ali assumptos inumeraveis de estudo e de admiração. Observam-se centenas de phenomenos diferentes de cristallisação. Que interessante é vêr como a agua, carregada de byóxido de carbone, cahindo gota a gota, formou, durante seculos d'acumulação incessante, estalagmites e estalactites, que pesam actualmente muitas toneladas. Encontram-se ali, tambem, depositos calcareos em forma de cachos, cuja semelhança com a uva de Corinthia é tão grande que se deu o nome de «A Vinha de Marthe» á gruta que os contem. No atalho dos cristaes, parece crescerem e desabrocharem milhares de flores, assemelhando-se extraordinariamente ás dos nossos jardins, com as suas petalas crystalinas e gigantescas feitas de tiras de gipso. Os cristaes mais pequenos adherem ás paredes, d'onde se desprendem ao menor choque, cahindo, como uma neve brilhante. Os insectos cegos — escaravelhos, besoiros, grilos, carraças, mosquitos — os peixes e os crustaceos sem olhos, as sanguessugas e os mil e um outros animaes de formas curiosas, desde o verme até aos vertebrados, transformam este logar n'um paraíso para o naturalista, que se acha perante o livro aberto das evoluções e da origem das especies. Se tudo isso tem para o sabio, uma significação especial, não é menos fascinante para o visitante ordinario, que não deixará de prolongar a sua estada e de repetir varias vezes as suas visitas, por menos amador que seja do belo e do impressionante, porque ás escuridão profunda do Estige o atrahirá o ruído das quedas

d'agua nos abysmos insondaveis. A variedade das escalas que vem do Rio dos Echos, d'uma harmonia e beleza que a acustica d'uma cathedral jámais conseguiu egualar, farão vibrar no seu coração uma emoção profunda que uma alma de artista não poderá esquecer.

No interior da grande caverna, ha formações estalactíticas em agrupamentos phantásticos e muito interessantes, parecendo confundirem-se com a forma de objectos familiares. Um pouco antes da extremidade da passagem de El Ghor — um canal estreito, tortuoso e, ao mesmo tempo, maggestoso, resultado do trabalho d'uma das correntes subterrâneas das mais recentes — os visitantes contemplan com surpresa, nas proprias paredes do canal e por cima das suas cabeças, um labyrintho indescriptível de accumulações calcareas. Tanto aqui, como em todos os logares das grutas que apresentam phenomenos de cristallisação em via de formação, o atalho comprido que o viajante percorre está apenas um pouco abaixo da superficie do solo. Os phenomenos característicos que indicam aos viajantes a sua aproximação da superficie são, em primeiro logar, o esgotamento da agua formando as estalactites, depois, a presença de pedras de saibro, formando um leito que, por toda a parte, n'esta região do Kentucky cobre as maiores profundidades de pedras calcareas sub-carboníferas. As fileiras superiores da pedra de cal foram dissolvidas. Ha-as ainda mais elevadas, de pedra de saibro, menos resistentes, cedendo rapidamente á força de desintegração das aguas e enormes massas se desagregam, até mesmo bocados de rochas, que muitas vezes intercetam as passagens, limitando assim grande numero de atalhos. A passagem magnifica que desemboca na rotunda e que tem o nome de Avenida Audubon, está inteiramente obstruida, n'uma extensão de cerca de um kilometro, por uma grande massa rochosa deslocada da abobada superior pela forma que acabamos de descrever. Vale comtudo a pena percorrel-a até ao fim, porque se encontra ali o Berço de Oliviers — assim baptisado por alguma alma romantica — uma das sinuosidades de menor importancia e das mais comodas para se observar á vontade a formação das estalactites durante a sua evolução.

Eis aqui a descripção d'um ponto curioso d'esta grande nação.

New-York — Abril 1920.

J. C.